

## ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E VIOLÊNCIA EM MULHERES DEPRIMIDAS

Cristiane Miryam Drumond de Brito\*

Camila Caminha Caro\*\*

Liliane Morais Amaral\*\*\*

---

### RESUMO

Analisam-se as relações socioculturais de dez mulheres com diagnóstico de depressão, moradoras de uma região periférica no interior de São Paulo. Os dados foram coletados em 2009 através de entrevistas semiestruturadas e foram abordados elementos como: origem, relações de amizade, brincadeiras, escola, lazer, religiosidade, vestimentas, sonhos, entre outros, de acordo com cada fase da vida: infância, adolescência e vida adulta. A partir de referenciais socioculturais, deparou-se com o fenômeno da violência em sua diversidade: psicológica, moral, física, sexual e social apoiado no poder *androcentrista*. A pesquisa apontou que a vida destas mulheres é permeada de violência desde a infância até a vida adulta. A depressão em mulheres se insere para além de uma doença biologicamente determinada por fatores genéticos, orgânicos e hormonais. Pode ser vista como parte de uma construção sociocultural em contextos específicos, portanto não se trata de uma doença individualizada em um sujeito, mas pode ser fruto de uma sociedade ainda com predomínio *androcentrista*.

**Palavras-chave:** Fatores socioculturais. Violência. Mulheres.

---

### INTRODUÇÃO

A estrutura de gêneros na organização social da história da humanidade pauta a subordinação das mulheres em relação aos homens<sup>(1)</sup>. Deste modo, a violência contra a mulher parte de princípios culturalmente construídos e está presente em muitos espaços da sociedade – desde a casa, trabalho, até a violência simbólica veiculada pela mídia, o que pode ser um fator de vulnerabilidade e risco para a depressão neste grupo. A depressão acomete homens e mulheres de qualquer classe social, mas em mulheres a incidência é duas vezes maior<sup>(2)</sup>.

As mulheres que sofrem violência durante uma fase da vida, infância, adolescência ou vida adulta, tem a saúde comprometida tanto física quanto emocionalmente. Dentre os agravos e riscos, destaca-se a depressão<sup>(3)</sup>. A violência contra a mulher e a depressão tornam-se problemas de saúde pública e abrangem aspectos sociais e culturais. A primeira é considerada um fenômeno mundial que ultrapassa os limites de classes sociais, etnia, idade, religião e grau de escolaridade. O lócus principal da violência contra a mulher permanece no âmbito familiar.

A chance de uma mulher ser agredida por alguma figura masculina próxima, como o pai de seus filhos, ex-marido, ou atual companheiro, é muitas vezes maior do que o de sofrer alguma violência por estranhos. Nas relações intrafamiliares, evidenciam o poder dos homens sobre as mulheres e os papéis femininos que retomam a concepção sobre a mulher cobrada culturalmente de ser mãe, educadora, dona de casa e sujeita as normas imposta pelo companheiro agressor<sup>(4)</sup>.

Segundo dados da literatura<sup>(5)</sup> em todo o mundo, um em cada cinco dias de ausência das mulheres no local de trabalho decorre da violência no âmbito doméstico. No Brasil, cerca de 23% das mulheres estão sujeitas à violência doméstica; sendo que, em 85,5% dos casos de agressão física contra mulheres, os violentadores são seus próprios parceiros. Segundo estimativas, é o país que mais sofre com a violência doméstica, com a perda de 10,5% do seu PIB. O custo da violência doméstica oscila entre 1,6% e 2% do PIB de um país, o que torna uma problemática social capaz de desestruturar o tecido social<sup>(6)</sup>.

Denota-se a situação de depressão, medo, solidão, baixa autoestima em mulheres vítimas

---

\*Terapeuta Ocupacional, Doutora em Comunicação e Semiótica, Docente da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Belo Horizonte – MG, Brasil. E-mail: cdrumonddebrito@gmail.com

\*\*Terapeuta Ocupacional, Mestranda em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos – SP, Brasil. E-mail: kmila\_caro@yahoo.com.br

\*\*\*Terapeuta Ocupacional, Mestranda em Terapia Ocupacional na UFSCar. Docente da UFMG. São Carlos – SP, Brasil. E-mail: lilamaral141@hotmail.com

de violência doméstica<sup>(4)</sup>, bem como sentimentos de culpa por privar a família de um lar estável e sem brigas<sup>(7)</sup>. Mulheres expressam a violência como um fator naturalizado e comum, decorrente do poder concedido socialmente aos homens<sup>(7)</sup>.

A exposição continuada da violência na história de vida de mulheres deve ser apreendida, principalmente, como uma questão sociocultural capaz de gerar impacto à saúde mental dessas mulheres. As pessoas vítimas de violência desde a infância são sujeitas a desenvolver sintomas de ansiedade, depressão e ideação suicida<sup>(8)</sup>.

Acredita-se que as lembranças, percepções e sensações do contexto vivido desde a infância até a vida adulta de mulheres deprimidas são permeadas pela experiência contínua da violência em todas as suas dimensões, não sendo suficiente enfrentar a problemática da depressão em mulheres apenas do ponto de vista da etiologia da doença. Assim definiu-se como objetivo do estudo descrever algumas características da experiência de vida em mulheres que vivenciam a depressão.

## MÉTODO

Os dados foram coletados nos meses de setembro e dezembro de 2009. As participantes da pesquisa foram dez mulheres com diagnóstico de depressão, moradoras de uma região periférica no interior de São Paulo. Para obtenção dos depoimentos, foi utilizada a entrevista semiestruturada com duração média de 50 minutos, registrados em gravador digital, transcritos na íntegra.

O referencial para construir um roteiro de entrevista semiestruturada se baseou em estudos da crítica genética, teoria que estuda redes de relações que compõe o processo de criação de artista<sup>(9-10)</sup>. Essa escolha se deu por compreender que a constituição do que somos hoje é um processo de organização de experiências advindas de toda parte. Assim como o artista, somos um receptáculo de emoções que vêm do céu, da terra, das cores, dos cheiros, das formas, de nossos ancestrais, de nossa convivência entre outros, e, com essas emoções, gradativamente nos construímos processualmente. Não há percepções que não sejam impregnadas de

lembranças, e as sensações têm papel amplificador, permitindo que certas percepções fiquem na memória<sup>(11)</sup>. Elegeu-se a evocação de fatos vividos pelas mulheres através das lembranças de cenas, cheiros, cores, sabores, amizades etc., com a finalidade de trazer a história de vida imersa na relação com a cultura.

Os conteúdos dos depoimentos foram analisados a fim de compreender a vivência e o significado sociocultural das mulheres com diagnóstico de depressão nas fases de vida supracitadas. A pesquisa foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos com o parecer n.º 20/2009. As mulheres concordaram em participar voluntariamente da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As idades das mulheres entrevistadas variam entre 24 e 73 anos, sendo a idade média 46,9 anos. Quando as mulheres foram estimuladas a rememorar aspectos socioculturais em suas vidas, destacaram principalmente a presença da violência em suas diversas formas, com início na infância e permanência durante todas as fases da vida.

### A infância

Todas as participantes da pesquisa são moradoras de uma cidade no interior de São Paulo e, dentre as dez entrevistadas, nove são originárias de áreas rurais, e apenas uma de área urbana, porém com a vivência da pobreza e de situação de rua na infância. Essa condição originária da vida pode ter desencadeado a necessidade do trabalho infantil, dentre eles o trabalho escravo.

[...] Eu trabalhava com seis anos de idade. Era trabalho escravo que nem a gente vê na televisão e pensa que não existe mais. (M4)

A origem do trabalho infantil no Brasil data do Período Colonial. As crianças, filhos de escravos e/ou índios, já enfileiravam a mão de obra agrícola e doméstica nas fazendas. No período da Revolução Industrial, a utilização de mulheres e crianças para diminuir os custos da produção se tornou uma realidade<sup>(12)</sup>. Podemos dizer que o trabalho infantil foi se constituindo

histórico-culturalmente no Brasil como um valor social capaz de disciplinar, preparar para a vida adulta, retirar a criança da delinquência e por necessidade de prover o sustento familiar. Esse aspecto sociocultural brasileiro, construído desde a colonização e as condições de pobreza, levou à inserção precoce dessas mulheres ao trabalho incentivadas pela própria família.

[...] Tinha uns nove anos quando ela {mãe} me mandou pra São Paulo. Eu sofri com isso. Só trabalhava lá. Eu tinha que limpar a casa, lavar louça e servir de garçomete. Era tipo pensão que servia almoço. Quase não alcançava direito, mas tinha que servir. Fiquei dois anos lá. Eu voltei e minha mãe me deu pra outras pessoas aqui... (M6)

[...] Quando criança não frequentei a escola. Trabalhei o tempo todo... (M5)

Em geral pessoas expostas à situação de trabalho ainda criança podem interromper o desenvolvimento de suas potencialidades, o que gera problemas para a própria criança de forma direta e problemas sociais indiretamente, pois se tornam adultos desqualificados com dificuldades de inserção no mercado de trabalho. É conhecido que crianças de famílias mais pobres estão mais propensas ao trabalho do que crianças de outras camadas sociais.

Especificamente em mulheres, 10% do total de trabalhadoras no Brasil iniciaram suas atividades com idade inferior a 9 anos<sup>(12)</sup>. Há dados de pesquisa que correlacionam o baixo nível de escolaridade em mulheres sacrificadas pela entrada precoce no trabalho, antes dos 9 anos de idade, associado à origem rural, com a pobreza da população feminina<sup>(12)</sup>. Essa é também uma realidade das participantes da pesquisa que frequentaram pouco a escola.

[...] Fui muito pouco à escola. Fui 3 anos só na escola... (M4)

[...] Nunca fui à escola. Nos anos 40 lá no mato não tinha escola... (M1)

[...] Era tudo difícil naquela época! Andava muito no sol para ir à escola, dava fome né?... (M10)

Desde a infância, essas mulheres vivenciam o processo de exclusão social pelas condições de vida e falta de oportunidades. É na história das experiências de vida que podemos compreender as vantagens e desvantagens materiais e simbólicas dessas mulheres. As condições de

pobreza são associadas à ausência de direitos, à precariedade no trabalho e à formação educacional, tornando-as indivíduos vulneráveis<sup>(13)</sup>.

Outro elemento que colocou essas mulheres em condições de risco e vulnerabilidade, principalmente em relação à saúde mental, foi à diminuição do convívio com a família e a ausência de brincadeiras na infância, condições proporcionadas pelo trabalho infantil:

[...] Brincava nada. Brincava não porque meu pai que me criou era fazendeiro. Ele tinha muito bezerro, muito gado. Olha, eu não vou mentir, eu quem cuidava dos bezerros era eu, quem cuidava dos animal era eu...(M1)

Vivências de violências em outras dimensões foram descritas pelas mulheres quando evocavam lembranças da infância, como, por exemplo, o abandono.

[...] Quando minha mãe engravidou pela primeira vez, o pai sempre falava que seria um menino. A finada minha avó fez o parto da minha mãe e, quando eu dei o primeiro choro, o pai veio ver o sexo. Ela contou que era menina e teve que me esconder, porque ele queria me matar, ele não quis saber de mim e tive que ir morar com minha avó...(M2)

[...] Meu pai, eu não conheci. A minha mãe, eu conheci, mas não convivi com ela. Eu fui adotiva. Ela tava muito nova e achou que não tinha condições de criar os filhos. Pegou e, antes do meu pai morrer, doou os filhos pra cada um da família mesmo. (M5)

Dentre as possíveis consequências do abandono da criança pelos pais, há a construção de um adulto desestimulado, com dificuldades para expressar sentimentos, podendo ter depressão, ansiedade e traumas<sup>(14)</sup>. A família é o primeiro espaço de acolhimento, fornece as primeiras experiências humanas. A experiência do abandono ainda na infância é algo marcante narrado pelas mulheres. Em alguns casos, o abandono do pai expôs a família à situação de rua.

[...] Quando meu pai deixou minha mãe, nós ficamos na rua. Minha mãe sofreu muito com a gente, ficando na rua, passando muitas necessidades, muitas vezes sem comer direito, porque tirava dela pra dar pra gente. Ela sempre dava um jeito e arrumava alguma coisa pra gente comer...(M7)

Pesquisas demonstram que essa família está inserida na realidade em que vivem as pessoas em situação de rua. Atualmente uma a cada quatro pessoas que vivem em situação de rua não consegue alimentos diariamente, e o seu estado nutricional é inadequado às necessidades humanas<sup>(15)</sup>. A mãe cumpria o papel de provedora da família, e a participante da pesquisa narra que, apesar da condição extrema na qual se encontrava, o carinho e afeto eram presentes no convívio, agiam na dinâmica dessa família como fator protetivo.

[...] Minha mãe deu muito amor pra gente e sofreu muito com a gente, ficando na rua, passando muita necessidade. (M7)

No entanto, o Conselho Tutelar não teve a mesma avaliação dessa família e retira as crianças do convívio com a mãe. Esse ato do Conselho Tutelar marcou sua vida. Narra que ela estava com 6 anos de idade e foi enviada para um local (talvez um albergue), onde as crianças não tinham afeto e eram agredidas.

[...] Lembro quando o carro do Conselho Tutelar passou na rua, minha mãe grávida, eu e meus irmãos com ela. Então eles tiraram a gente dela e levaram pra um lugar onde ficam crianças, não sei se era um albergue. Então me marcou muito, lembro disso até hoje, né? E nesse lugar a gente sofreu muito, a mulher era muito ruim, batia nos meus irmãos, fazia a gente limpar a casa, tudo... (M7)

O Conselho Tutelar é um órgão permanente e não jurisdicional encarregado de zelar pelos direitos da criança e do adolescente. Apesar de não ser um órgão jurídico, tem poder de decisão que só pode ser revista pelo Judiciário. A mãe recorreu ao Judiciário e resgatou seus filhos após três anos, quando a avó conseguiu uma casa e acolheu toda a família no interior de São Paulo. As mulheres, ao se encontrarem nessa situação extrema, tornam-se vulneráveis às circunstâncias concernentes à sua condição de gênero<sup>(15)</sup>. Essa história descreve a violação dos direitos provocados pela impositiva condição de vida. Anos de luta para novamente reaver a família podem de fato influenciar em diversas dimensões da vida humana, inclusive a dimensão psíquica de cada membro da família.

Nos relatos sobre lembranças da alimentação, a preparação do alimento na infância, uma mulher lembra a família adotiva:

[...] Quem preparava era a mulher que me criava, era péssimo. A gente não se alimentava bem, tinha época que nem tinha o que alimentar. Aquele jeito deles {família adotiva} prejudicou muito a minha pessoa. Eu apanhava muito por nada. Não estudava. Não deixavam eu estudar. Implicavam comigo porque eu gostava da minha mãe {Mãe biológica}... Eh, minha filha, eu sofri. Eu não queria existir... (M5)

Ao evocar um fato cotidiano, a preparação dos alimentos, lembranças de sua história de vida associadas ao sofrimento são relatadas. Talvez porque o ato de alimentar-se é um fator estruturante da vida cotidiana em seu núcleo mais íntimo a família<sup>(16)</sup>.

Essa separação da família de origem é lembrada novamente por essa participante ao ser convidada a lembrar o sentimento da época de infância.

[...] Perder meu pai e ser afastada das minhas irmãs e da minha mãe. Isso me marcou demais. Meu pai morreu e eu nem conheci ele... Eles me tiraram da casa da minha mãe eu tava com seis anos. (M5)

Outra mulher narra o sofrimento de ter sido separada de sua família de origem:

[...] Só fui nascer e me carregaram pra longe, bem longe para o homem que deram. Eu fui adotada. Eu chorava muito porque eu dizia assim: toda criança tem uma mãe, mas eu não tenho minha mãe. Porque era enjeitada. Eu chorava porque eu tinha vontade de ter uma mãe e não tinha. Aí eu ficava triste...(M1)

O processo de percepção de fatos, sentimentos e a memória deles constituem a mediação entre elas e o mundo, trazem subjetividades singulares sendo construídas. A memória é registrada se uma forte impressão for deixada<sup>(17)</sup>, como de uma mulher que traz o elemento da adoção, do abuso sexual sofrido na infância e das consequências do fato na relação com seu marido...

[...] Meu tio que naquela época me violentava, né? Eu me recordo como se fosse hoje. Tinha 6 anos, eu fui pra escola e só eu que ia de manhã. E minha mãe 'encubia' esse tio de ir me buscar e levar, que ela trabalhava. Eu na parte da tarde vivia à mercê dele. Minha outra irmã ia pra escola e os outros dois menores ficavam na creche. Eu queria que minha mãe percebesse. Porque é eu acho impossível uma mãe não perceber alguma coisa de errado com uma

filha, ainda mais uma criança. É porque na época quem lavava roupa era ela. Eu sangrava, eu não sabia esconder. Eu simplesmente trocava a roupa. Nunca ela tocou no assunto, a maior raiva, mágoa que eu tenho é essa. Ela me deu para um pessoal lá de São Paulo pra trabalhar. Eu nunca mais fui na escola. Eu tinha uns nove anos. Aí eu fiquei quase dois anos lá em São Paulo. Depois eu quis vim embora. Voltei pra casa dela. Ela chegou a levar homens pra dentro de casa. Eles violentavam a gente sexualmente, eu, a outra irmã um ano mais nova. Ela me deu para outra família por ciúmes de seus parceiros. Para mim foi uma coisa tão nojenta, tão insuportável que marcou demais pra mim. Depois, quando eu casei e fui ter relação com ele {marido} a primeira vez, ele logo percebeu que eu não era virgem. E até hoje ele não aceita que eu fui violentada. Ele fala que é mentira... (M6)

Há nesta fala a elucidação de como um fato ocorrido na infância pode continuar a gerar consequências na vida adulta. Nesse caso específico, essa mulher ainda permaneceu submetida à violência simbólica do marido, que manifestava desrespeito a sua história de vida, através dos papéis sociais impostos a homens e mulheres, reforçados por culturas patriarcais, que estabelecem as relações de violência entre os gêneros. Nesse sentido, as relações de violência dos homens contra as mulheres não podem ser entendidas como relações naturais ou biológicas entre os sexos, os limites foram construídos histórica e socialmente. Podemos então entender a violência de gênero como um fenômeno existente dentro da estrutura social e como um problema de caráter social e de saúde pública.

Os relatos até então descritos corroboram com pesquisas específicas no campo da saúde mental e psiquiatria, pois crianças que sofrem de maus-tratos, abuso sexual e abandono têm riscos de sofrerem depressão na adolescência e/ou vida adulta<sup>(18)</sup>. A infância, lócus privilegiado de brincadeiras, foi marcada na memória dessas mulheres como tempo de sofrimento, de proibições e maus-tratos.

### Adolescência

A violência também esteve presente, como um contínuo na adolescência. As entrevistadas compartilham vivências marcadas por proibições provenientes de alguma figura masculina que delimitava o contato com amigos, a forma de se vestirem e de se arrumarem, as danças, os locais de circulação e as escolhas religiosas.

A adolescência não parece trazer produção de significados sociais mediados por sistemas simbólicos da linguagem e da cultura<sup>(19)</sup>.

Há um desconhecimento do início dessa fase da vida e associam-na ao início do casamento e do trabalho.

[...] Que diabo é isso? {a adolescência}. Eu acho que nunca tive, porque eu trabalhava muito... (M1)

[...] Sei lá. Adolescência passava e a gente nem percebia... (M3)

[...] Eu vou contar a verdade pra você que eu não me lembro. Não me lembro, e não fui feliz na minha adolescência... (M4)

[...] Quando fui morar com meu marido, com 14 anos. Ali eu fui espancada, quer dizer teve aquele sofrimento. Sofri, quer dizer, não foi uma vida, foi uma escravidão... (M2)

[...] Quando eu me casei {voz com riso}... (M6)

[...] Naquela época meus pais eram muito reservados, muito... Não tive essa fase... (M10)

[...] Ah acho que com 13 anos... Porque minha irmã engravidou e o namorado dela não quis assumir e foi embora da cidade e ela tinha 15 anos. Ela já trabalhava. Ela trabalhava em casa de família. Aí quando ela foi ter a neném, aí ela tinha que ficar em casa pelo menos uns 5 meses. Aí pra ela não perder o emprego, eu fui trabalhar no lugar dela. Acho que foi daí. (M9)

A adolescência, considerada como uma fase de transição entre criança e mundo adulto, lida com estágios que vão da dependência infantil a conquista da autonomia vislumbrada na vida adulta, não emerge como algo significativo na memória dessas mulheres. Elas tiveram uma infância marcada pelo trabalho, abandono, sem o direito à escola, ao convívio familiar, portanto expostas à violência. Esses fatos podem ter corroborado para o não reconhecimento do início da adolescência, pois há uma continuidade marcada pela violação dos direitos, principalmente o direito à educação. O trabalho, o casamento e as proibições marcam o período inicial da adolescência.

A maioria das entrevistadas viveu a adolescência na década de 1960 e 1970, com exceção de duas mulheres: uma que viveu a adolescência na década de 1950 e outra na década de 1990. Nas décadas de 1960 e 1970, a juventude iniciou críticas à ordem vigente e buscou, em diversos movimentos, a

transformação social. Foi um período de lutas políticas, movimento *hippie* na luta pela paz e questionamentos sobre a cultura. A entrada da adolescência e a vivência desta neste período eram marcadas por um crescente questionamento. Significava interrogar-se sobre os padrões morais, sexuais, entre outros vigentes naquele período. Assim, justificam-se as singularidades no relato dessas mulheres que apresentaram um desconhecimento de si mesmas e pouco mencionaram os valores da época como algo a ser interrogado.

No entanto, se relacionarmos com o período da infância marcado pelo trabalho infantil, pela violência física e sexual, pelas condições econômicas às quais foram submetidas, pode-se ter a hipótese de que houve um amadurecimento antecipado dessas mulheres, que nesse período suas formações psíquicas já indicavam aspectos deprimidos em suas personalidades.

Na adolescência também é comum verificarmos uma expansão do universo social comparado à infância. Em geral, preferem a relação com amigos à família. Formam grupos de amigos, principalmente quando frequentam escolas. O ambiente sociocultural das participantes da pesquisa não foi propício à frequência escolar e, naturalmente, pode ter ocorrido um estreitamento na criação de vínculos de amigos na adolescência. Associado a isso, houve também casamentos precoces e a proibição de amigos por uma figura masculina: pai ou marido.

[...] Não tinha amigos, só debaixo da ordem dele {marido} e junto com a família dele. (M2)

[...] Não tinha amigos, não, de jeito nenhum. Não conversava com ninguém. Meu pai não deixava... (M1)

Em relação à lembrança de músicas que marcaram, danças da época e como se cuidavam, trazem relatos com marcas de proibição e insatisfação. Surgem também questões com a religião e uma associação do esquecimento com a depressão.

[...] Ah eu tinha música na minha mente dessa passagem {adolescência}, mas depois da depressão parece que apagou muitas coisas da minha mente. (M10)

[...] Olha eu não dançava. Meu pai não deixava eu dançar... (M4)

[...] O único lugar era a igreja memo. Ele pegava o carro {marido}, punha a família e nós ia pra igreja...Então. Aí depois que eu perdi esses 5 filhos, ficou só o casal vivo, o marido me pôs pra fora, botou outra mulher pra dentro de casa, aí eu peguei... Afastei da igreja crente que eu falei assim Deus é amor... Cadê o amor? Aí eu me revoltei...(M2)

[...] Era a coisa mais difícil{dançar}. Eles não deixavam {família adotiva} Minha vida foi só serviço e igreja...(M5)

[...] Não {dançava}. Meu pai não deixava. Nem lembro as músicas da época. (M3)

[...] só vestido e saia. Eu tinha que usar porque eram as roupas que ele {marido} aceitava. Se eu resolvia usar uma calça comprida ou qualquer coisa ele rasgava...(M2)

[...] Minhas roupas eram compridas, vestidos assim de manga. Nunca botei um batom que o meu pai não deixava. (M1)

[...] O que eu fazia pra me cuidar? Ah... Eu não me cuidava não...(M5)

No período em que a maioria das mulheres viveu a adolescência, o Brasil convivia com a opressão da ditadura militar e os imperativos que essa traz ao cotidiano das pessoas. Não havia democracia, os direitos foram suprimidos, a repressão era feita pela força, repressão sexual, entre outros aspectos. A televisão e o rádio censurados transmitiam apenas os costumes impostos pelo regime. Havia o incentivo ao individualismo, ao consumo, à valorização da propriedade privada, da moral religiosa e da família chefiada pela figura masculina.

Os relatos acima demonstram estreita relação com o período, na qual o poder exercido pelo homem, o chefe de família, era a tônica social e moral preconizada. A figura masculina e as famílias, com suas imposições vetavam a autonomia das mulheres em relação aos locais onde transitavam às atividades que desempenhavam e à forma como se vestiam e se arrumavam. Essas proibições tornaram-se então formas de tolher a liberdade de expressão e individualidade da figura feminina. As mulheres entrevistadas não parecem ter tido contato com os movimentos sociais e juvenis da época que apregoavam a paz, a liberação sexual etc. Apenas uma das mulheres traz no contexto musical o gosto por cantores que influenciaram

jovens brasileiros através da televisão ao divulgar estilos de vida, maneira de vestir e agir.

[...] Roberto Carlos, Erasmo Carlos. Essas que todo mundo gostava, todo mundo...(M4)

Quando convidadas a falarem dos sentimentos da adolescência, surgem novamente questões de violência e o desejo de não lembrar sentimentos negativos envolvidos:

[...] Nessa época que ele {marido} começou a me judiar eu falei: "Meu Deus, agora tô frita". (M2)

[...] Essa vida eu costumo deixar pra trás, sabe? Eu acho que não valeu. (M4)

[...] Sentimento muito ruim Porque tudo que a gente passa agora no momento eu sinto relacionado à minha criação no início da minha vida. (M5)

Na adolescência, determinantes tanto biológicos quanto sociais, históricos, culturais e afetivos são fundamentais para a formação do indivíduo adulto. Nesse período transitório da vida há conflitos entre o universo infantil e a nova fase preparatória para o desenvolvimento da vida adulta e são basais as relações afetivas intrafamiliares. Essas relações exercem papel fundamental no desenvolvimento psicológico e sexual da vida adulta. As participantes da pesquisa, quando convidadas a rememorem sonhos dessa época, fazem referência a relações intrafamiliares que geraram sofrimento nesse período da vida. Isso, hipoteticamente, pode ter influenciado a condição de saúde psíquica na qual elas se encontram no momento da entrevista: deprimidas.

[...] Naquela época se sonhava só em casar. Mas casamento não é futuro, não. Casava e se ferrava. (M3)

[...] A gente não tinha nada. Nem pra sonhar prestava. Fui criada de um jeito assim que a gente não sabia nem sonhar. A criação entendeu? (M4)

[...] Ah eu tinha vários sonhos. Um era de estudar, me formar, ter uma profissão. Eu pensava assim em ser professora. É... Aí eu pensava assim... Ser professora como, se eu não estudo? Eu não estudava porque não tinha como... (M5)

### Vida adulta

O sofrimento dessas mulheres na infância e na adolescência tem continuidade na vida adulta, quando passam a ser subordinadas e suscetíveis à agressão de seus companheiros.

A subordinação ao marido ocorre, por exemplo, quanto à própria escolha religiosa.

[...] Eu segui um bom tempo a evangélica. Aí eu dei uma parada. Me sentia muito mais forte, muito mais feliz. Eu ia pros cultos, eu cantava, me sentia muito bem. Parecia que não existia problema nenhum, sabe? Mas via o marido que não era da mesma religião ficar com a cara feia pra mim, já me bloqueava, não me deixava tão à vontade. Aí eu parei de ir. (M8)

A convivência difícil com o marido por problemas de alcoolismo e drogadição traz sentimentos de impotência diante da situação, traduzidos por tristeza, sofrimento, nervosismo e expressões de situações limites.

[...] Devido meu marido mexer com droga, fica bem difícil lidar com as atitudes agressivas dele quando usa drogas. Eu não gosto dos amigos dele, então eu acabo ficando muito nervosa. Então acho que não tô muito bem assim, eu quero tá melhor. (M7)

[...] A gente não vive bem {marido}. Ele é alcoólatra, não admite e não aceita tratamento. Cheguei assim no limite, chega. Não dá mais. Me sinto triste, infeliz no casamento por causa da pessoa que ele se tornou, principalmente quando ele tá bêbado. Não dá mais, não tem condições. (M6)

Estudos demonstram a perpetração de violência de homens contra mulheres nove vezes mais quando os homens bebem em comparação com dias sem consumo de álcool e que 70% dos parceiros ingeriram álcool e 11% consumiram drogas ilícitas antes das agressões<sup>(20)</sup>.

As entrevistadas acima tentaram o divórcio em virtude do sofrimento a que estavam submetidas; contudo, ainda não haviam se separado até o momento da coleta de dados. Fica a hipótese: será que a depressão é um processo de ruptura com o histórico sociocultural delas e uma saída para a situação na qual ainda se encontram?

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que, dentre as práticas e vivências socioculturais experienciadas pelas mulheres entrevistadas, ganham destaque a violência e o poder androcentrista a que estas foram submetidas em suas histórias de vida.

As lembranças e percepções de seus universos socioculturais, como: comidas, danças, brincadeiras musicas, amizades etc., indicaram um mundo sociocultural violento desde o nascimento até a vida adulta. Foram praticamente inexistentes as lembranças que traziam vivências positivas do contexto cultural no qual se constituíram como mulheres, o que levou a pesquisa a dialogar com teorias sobre a violência em mulheres.

O poder androcêntrico e a violência contra a mulher – seja física, emocional, sexual, moral ou simbólica desde o início de suas existências – deixaram marcas que limitaram suas práticas e vivências socioculturais, o que pode ser visualizado nas narrativas. A força da ordem masculina presente na vida dessas mulheres parece ter sido concretizada pelo simples fato de

ela não precisar de justificção: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de uma legitimação. Podemos, então, entender a violência de gênero como um fenômeno existente dentro da estrutura social.

A depressão nestas mulheres pode ser vista como parte de uma construção sociocultural em contextos específicos: contextos vulneráveis, de violência, de restrição econômica e cultural, de abandono, de subordinação, entre outros. Não se trata de uma doença individualizada em um sujeito, mas pode ser fruto de uma sociedade. No entanto, o estudo não pode ser conclusivo no que diz respeito a uma causalidade da depressão associada à violência e ao poder exercido pelo homem sobre a mulher.

---

## SOCIOCULTURAL ASPECTS AND VIOLENCE IN DEPRESSED WOMEN

### ABSTRACT

Sociocultural relations of ten women with depression diagnosis residents of a periphery region in the interior of São Paulo were analyzed. The data were collected in 2009 through semi-structured interviews. Some elements were approached such as: origin, friendship relationship, playing, school, leisure time, religion, clothes, and dreams, among others, according to each life stage: childhood, adolescence and adult life. The use of socio-cultural references encountered the phenomenon of violence in all its diversity dimension: psychological, moral, physical, sexual and social power in *androcêntrica* supported. The survey showed that these women's lives is permeated by violence from childhood to adulthood. Depression in women is part of a disease beyond biologically determined by genetic, hormonal and organic. It can be seen as part of a sociocultural construction in specific contexts, so it is not a disease in an individual subject, but may be the result of a society still predominantly *androcêntrica*.

**Keywords:** Sociocultural factors. Violence. Women.

---

## ASPECTOS SOCIOCULTURALES Y VIOLENCIA IN MUJERES DEPRIMIDAS

### RESUMEN

Se analizan las relaciones socioculturales de diez mujeres con diagnóstico de depresión, residentes de una región periférica en el interior de São Paulo. Los datos fueron recogidos en 2009 por medio de entrevistas semi-estructuradas. Fueron abordados temas como: origen, relaciones de amistad, juguetes, escuela, recreación, religiosidad, prendas de vestir, sueños, entre otros, según cada fase de la vida: niñez, juventud y la vida adulta. El uso de referencias socioculturales se encontró con el fenómeno de la violencia en toda su dimensión de la diversidad: psicológica, moral, fuerza física, sexual y social en apoyo *androcêntrica*. La encuesta mostró que la vida de estas mujeres está impregnada por la violencia desde la infancia hasta la edad adulta. La depresión en mujeres es parte de una enfermedad más allá biológicamente determinado por genética, hormonal y orgánicos. Puede ser visto como parte de una construcción sociocultural en contextos específicos, por lo que no es una enfermedad en un sujeto individual, pero puede ser el resultado de una sociedad todavía predominantemente *androcêntrica*.

**Palabras clave:** Los factores socioculturales. Violencia. Mujeres.

---

## REFERÊNCIAS

1. Bourdieu P. A dominação masculina. 6a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2009
2. Albuquerque JBC, César ESR, Silva VC, Espínola LL, Azevedo EB, Filha MOF. Violência doméstica: características sociodemográficas de mulheres cadastradas em uma Unidade de Saúde da Família. REE. 2013 abr/jun; 15(2):382-90.
3. Senado Federal (BR). Secretaria Geral da Mesa. Secretaria de Comissões. Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito Relatório final da comissão parlamentar mista de inquérito da situação de violência contra a mulher no Brasil. Brasília, DF; 2013.

4. Dahmer TS, Gabatz RIB, Vieira LB, Padoin SMM. Violência no contexto das relações familiares: implicações na saúde e vida das mulheres. *Cienc Cuid Saude*. 2012 jul/set; 11(3): 497-505
5. Ribeiro CG, Coutinho MLL. Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. *Psic Saúde*; 2011; 3(1):52-9.
6. Fonseca, DH, Ribeiro CG, Leal, NSB. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicol Soc*. 2012; 24(2);307-14.
7. Vieira LB, Padoin SSM, Paula, C.C. Cotidiano e implicações da violência contra as mulheres: revisão narrativa da produção científica de Enfermagem. Brasil, 1994-2008. *Cienc Cuid Saude* 2010 abr/jun; 9(2): 383-9.
- 8 Sá DGF, Bordin IAS, Martin D, Paula CS. Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência. *Psic Teor e Pesq*. 2010 out/dez; 26(4): 643-52
9. Anastácio SMG, Silva CN. Uma visão sistêmica do processo criador. *Tessituras e Criação*, 2012 set; 3:52-63.
10. Brito, C.M. D. Processus de création dans le théâtre de marionnettes: présentation d'un dossier génétique. *Genesis*. 2011; 32:219-27.
11. Salles C. Redes da criação: Construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte; 2006.
- <sup>12</sup>. Lopes JL, Pontili RM, Almeida AR. Trabalho infantil e pobreza da população feminina brasileira: uma discussão da inter-relação entre estes dois fatores. *Rev ABET*, 2012 jul/dez; XI (2):151-72.
13. Castel, R. Exclusion ou désaffiliation dans la nouvelle économie. In: Moati, P. (editor). *Nouvelle économie, nouvelles exclusions?* Paris: Ed. de l'Aube; 2003.
14. Alves AJP. O preço do amor: a indenização por abandono afetivo parental. *Rev Direito & Dialogicidade*. 2013 jul; 4(1) acesso em: set 23 2012. Disponível em: [periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/download/588/466](http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/download/588/466)
- .periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/download/588/466.
15. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2012.
16. Moreira SA. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. *Cienc Cult*. 2010; 62(4):23-26.
17. Martin D, Quirino J, Mari J. Depressão entre mulheres da periferia de São Paulo. *Rev Saúde Pública*. 2007; 41(4):591-7.
18. Mello MF, Faria AA, Mello AF, Carpenter LL, Tyrka A, Price LH. Maus-tratos na infância e psicopatologia no adulto: caminhos para a disfunção do eixo hipotálamo-pituitária-adrenal. *Rev Bras Psiquiatr*. 2009; 31(Supl II):S41-8.
19. Nascimento AMT, Menezes JA. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicol Soc*. [online]. 2013;25(1):142-51.
20. Zaleski M, Pinsky I, Laranjeira R, Ramisetty-Mikler S, Caetano R. Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. *Rev Saúde Pública*. 2010; 44(1):53-9.

---

**Endereço para correspondência:** Cristiane Miryam Drumond de Brito. Rua Vander Rodrigues de Lima, 65/303, Caiçara, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 30750160, [cdrumonddebrito@gmail.com](mailto:cdrumonddebrito@gmail.com).

**Data de recebimento:** 22/01/13

**Data de aprovação:** 14/07/14